

## A CRIAÇÃO DO TRAJE COMO MEIO DE ESTUDO DA LIBERDADE DO CORPO FEMININO EM PERFORMANCE

*(The creation of costume as a means of studying the freedom of female body in performance)*

Nogueira, Heloisa Silva; Graduanda; Centro Universitário Belas Artes de São Paulo;

hheloisanogueira@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discute sobre a criação do traje de cena como meio para investigar a temática da liberdade do corpo feminino em performance. Partindo de referências teóricas, artísticas e da criação de um formulário, o corpo feminino é colocado como objeto de estudo e a liberdade é investigada até chegar na realização de uma performance. Nela, é explorada a relação com o traje de cena criado pela performer e a conexão com o traje se torna essencial para o estado performativo.

**Palavras-chave:** Traje de cena; performance; liberdade; corpo feminino.

**Abstract:** This article discusses the creation of costumes as a means to investigate the concept of freedom and the relation with the female body in performance. Based on theoretical and artistic references, the author puts her female body as an object of study and the freedom is investigated in order to reach the realization of a performance. In it, the relationship with the stage costume created by the performer is explored and the connection with the costume becomes essential.

**Key-words:** scene costume; performance art; freedom; female body;

### Introdução

Escrevo porque preciso tirar tudo isso de dentro de mim. Todas as minhas prisões precisam ser enfrentadas, por mais complicado que seja. Não só as minhas, mas as de todas nós. Fazer essa performance dói. Falar o texto dói. Me desnudar dói. Porque foi tão difícil chegar nesse ponto que estar nele só me faz chorar. Choro. Por mim e por todas aquelas que se identificam comigo. Porque sei que entre reconhecer nossas prisões e caminhar para nos libertarmos delas há um caminho longo e difícil. Com tudo ao nosso redor nos fazendo acreditar

---

<sup>1</sup> Heloisa Silva Nogueira é atriz formada pelo Teatro Escola Macunaíma e atualmente está em seu último semestre da graduação em Artes Cênicas no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, onde desenvolveu pesquisas de performance e direção teatral.



que é melhor não enfrentar. Mas não dá. Não mais. Uma vez que você entra em contato com a liberdade, você não abre mais mão.

### **O corpo e sua relação com a performance**

Aceita como meio de expressão artística independente apenas na década de 1970, a performance carrega forte crítica social. Com uma separação pouco definida entre performer e sujeito, os artistas que a realizam precisam lidar com seus próprios corpos em situação de experiência, podendo variar, por exemplo, entre fazer, mostrar fazendo ou explicar o fazer. O artigo “*Corpos performáticos: uma abordagem antropológica sobre o corpo feminino na performance arte*”, de Bárbara Ariola, fala sobre a linguagem com o questionamento: “É possível abordar performance sob uma perspectiva de um corpo sem especificar seu tempo-espaço de nascimento, crescimento, educação, cultura?” (ARIOLA, 2019, p.5)

Considerando o recorte estudado nesta pesquisa, não. O pensamento clássico de Simone de Beauvoir de “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2018, p.56) complementa o debate ao ser contextualizado na sociedade patriarcal heteronormativa do Brasil de 2021. No país que mais mata pessoas trans no mundo<sup>2</sup>, mais cresce o número de cirurgias plásticas<sup>3</sup> e onde 89% das pessoas admite fazer comentários gordofóbicos em seu cotidiano<sup>4</sup>, fica claro: o corpo e suas perspectivas não são ignoradas socialmente, refletindo de forma direta na criação artística.

Nesse contexto, o modo como a percepção contemporânea do corpo foi construída se mostra relevante para o estudo. No artigo “*O corpo veículo na performance: Meu corpo agente questionador de estereótipos culturais*”, Lucélia Silva fala sobre essa construção. Passando pelo Egito, Grécia, Roma, Idade Média, Renascimento e Modernidade, a autora chega ao contemporâneo destacando o desejo de um corpo perfeito. No livro “*O mito da beleza*”, Naomi Wolf explica bem as consequências dessa característica atual, dizendo que o ideal de beleza imposto socialmente às mulheres é construído de forma a se tornar inatingível. Tal mecanismo, segundo Naomi, enfraquece todas não fisicamente, mas psicologicamente, e só pode ser modificado a partir de uma nova forma de ver.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/cresce-o-numero-de-cirurgias-plasticas-no-brasil/>

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2017/11/geral/596575-gordofobia-esta-presente-na-rotina-de-92-dos-cidadaos-brasileiros-mostra-estudo.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2017/11/geral/596575-gordofobia-esta-presente-na-rotina-de-92-dos-cidadaos-brasileiros-mostra-estudo.html)

### **A linguagem da performance como possibilidade**

A realização de uma performance através de uma ação, individual ou coletiva, provoca o público de maneira a refletir sobre os elementos ali presentes. No artigo “*A performance solo e o sujeito autobiográfico*”, Ana Bernstein comenta que “na arte da performance, o performer é o autor do seu próprio script. Além do mais, a performance quase sempre exhibe uma forte atualidade e é bastante responsiva às questões políticas e sociais do mundo” (BERNSTEIN, 2001, p.91) destacando dois pontos importantes da linguagem: o diálogo com o contemporâneo e a experiência pessoal.

Por se tratar de uma arte feita através do “próprio script”, numa mistura de fatores endógenos e exógenos, a experiência pessoal age diretamente na criação. A linguagem traz consigo a liberdade de poder falar diretamente de questões sociais importantes para quem a realiza. Leonilia Magalhães e Priscilla Leal, no artigo “*A arte performática, corpos e feminismo*” falam sobre o assunto destacando a importância desta para as mulheres, dizendo “se nas artes tradicionais o homem é o criador/sujeito e a mulher contempladora/objeto, na performance é a sujeita falante, uma vez que seu corpo fornece formas alternativas de fala, subvertendo a ordem constituída.” (MAGALHÃES; LEAL, 2016, p. 104).

Com toda a potência de criação que a linguagem carrega, o traje utilizado se enquadra como um elemento para trazer mais camadas de significado ao trabalho. Nesse sentido, entender o traje de cena de uma performance pode ter como ponto importante levar em conta os desdobramentos de destaque no antes, durante ou depois da ação performática, numa linha contínua de possíveis transformações.

### **A liberdade feminina por meio da performance**

Iniciando-se de definições encontradas no dicionário, o estudo da performance analisada neste artigo partiu do conceito de liberdade. Com o entendimento de que a liberdade está ligada ao sentimento, pôde-se entender a variação de tal conceito de acordo com a vivência pessoal, o contexto histórico e o recorte realizado. Na sequência, o planejamento da ação foi diretamente influenciado pelas respostas de um formulário. Disponibilizado nas redes sociais da autora deste artigo e com um total de 50 respostas de pessoas que se identificam com o gênero feminino, foram feitas perguntas como “diga um objeto que te faz sentir presa”, “mulher, o seu corpo é livre?” e “você já se sentiu presa ou privada de sua liberdade? Se sim, em que situação?” as quais agiram como provocações para refletir sobre o tema. Objetos como absorventes, folhas de cera depiladora, sutiãs, fitas métricas, meias calças e calças jeans foram

escolhidas do guarda roupa da performer como símbolos da prisão feminina e podem ser vistos na figura 1.

Figura 1: Elementos utilizados na performance.



Foto: Letícia Rodrigues

Tais elementos foram cortados e costurados para assumirem a forma de tiras. Trazendo a proposta de pensar a liberdade a partir do seu negativo, isto é, a prisão, levantou-se a ideia de confeccionar uma saia, vestimenta historicamente ligada ao feminino, com materiais aprisionadores, tanto para a performer como para outras pessoas que se identificam com o gênero feminino. Nesse sentido, da mesma forma que a saia se estabelece como elemento ligado à prisão, junto com ela há uma lingerie preta, símbolo importante da luta feminista, colocada por baixo da saia e se ligando ao desejo de liberdade, com parte escondida num primeiro momento da ação performativa.

### **A performance**

O planejamento da ação se finaliza com o programa performativo desta. Estabelecido como “Me liberto, de forma simbólica e literal, dos elementos aprisionadores da saia feita por mim enquanto canto a música P.U.T.A, do grupo Mulamba e ao final, coloco fogo em todos eles.” foi pensado como forma de promover a experiência de liberdade para a performer e para pessoas que se identificam com o corpo feminino através de seus registros, feitos por foto, vídeo e áudio. Os elementos escolhidos para a saia se relacionam de modo pessoal e social, buscando externalizar questões e levantar possibilidades.

Com todos os elementos já prontos para montar o traje, no dia da ação, 23 de maio de 2021, o preparo começa confeccionando a saia. Reunindo as tiras, coloca-se um cinto na cintura

da performer e cada elemento cobre uma parte deste ao redor do corpo. A lingerie também já foi colocada, mas neste momento só se vê o sutiã, sem aro e sem bojo que, diferente dos da saia, são confortáveis. A saia se forma conforme os elementos são posicionados, ao mesmo tempo que é possível perceber uma prisão própria. Durante essa confecção, com frequência são verbalizados questionamentos da escolha do traje ao pensar nos registros a serem feitos e divulgados.

Toda a ação é feita na casa que a performer viveu dos seus 2 aos seus 15 anos. Na cidade de São Paulo, mais precisamente na chácara da família. Lugar onde ela aprendeu, na prática, como sua liberdade é importante para si. Contudo, foram nesses anos também que se instalaram diversas prisões, advindas da educação e da necessidade de seguir as normas sociais impostas ao corpo feminino. Levar essa criação para tal ambiente evoca o simbolismo de aproximação da liberdade e ao mesmo tempo coloca em evidência a ruptura com suas raízes aprisionadoras, apesar da dificuldade de execução.

Figura 2: Confecção da saia momentos antes da realização da performance.



Foto: Letícia Rodrigues

Após o fim do processo de confecção da saia, visto na figura 2, dá-se início a ação de amarrar laços no pulso. Sendo mais um elemento vermelho, junto com o batom aplicado também antes de iniciar o canto, remete à prisão ligada à objetificação do corpo feminino. Tratada como um objeto e pronta para ser dada de presente para alguém, os nós do braço são parte do simbolismo de todos os elementos da saia serem apenas parte de todo um sistema aprisionador.

Figura 3: Detalhes do traje.



Foto: Letícia Rodrigues

A performance se inicia e a performer já está com os olhos marejados. Antes de iniciar o canto, a frase “*Dedico essa performance a todas aquelas que já se sentiram presas em algum momento. Faço isso porque, por mais difícil que seja, a gente precisa se libertar.*” é dita por ela e segue-se para a música, realizada com dificuldade pelo choro ainda presente, mas que precisa ser posto pra fora enquanto a saia se desfaz. Uma a uma, as tiras da saia são jogadas no chão, numa ação de se libertar de todas as lembranças ali carregadas, de forma pessoal ou não, mas que doem de modo semelhante, pois a dor feminina é, antes de tudo, coletiva e histórica.

A desmontagem da saia chega ao fim e a performer se ajoelha diante de todos os elementos com dificuldade de controlar o choro que já invadiu toda a ação de forma dolorosa.

Figura 4: Performer ajoelhada após o fim do canto.



Foto: Letícia Rodrigues

A frase de Simone de Beauvoir “*Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre*” é dita em voz alta. Como

meio de finalizar o ciclo de libertação, todos os materiais do traje são jogados na lareira, para serem queimados. As amarras no pulso também são cortadas e jogadas no fogo que se estabeleceu a partir da queima das tiras. A performer senta em frente às chamas e observa. O primeiro passo para a libertação.

### **Considerações finais**

Partindo da relação com o corpo e com a linguagem da performance, o conceito de liberdade foi colocado em cheque. Numa ação performática cantando a música P.U.T.A do grupo Mulamba, questões ligadas ao corpo feminino foram ouvidas e utilizadas como provocação para o planejamento. Tiras com elementos aprisionadores como sutiãs, folhas de cera, meias calças, absorventes, fitas métricas e calças jeans, deram origem a uma saia com a ajuda de um cinto colocado na cintura da artista, que se emocionou durante sua realização ao perceber que apesar de difícil, era necessário fazer tal ação.

Com fatores endógenos e exógenos vindo à tona, a performance age como ferramenta para experienciar a liberdade por meio da relação com o traje. A ação ganha força, pois a libertação é explorada de forma literal (desfazendo a saia) e simbólica (colocando fogo nos materiais no fim). Nesse sentido, o traje confeccionado não só agrega significados e símbolos, mas também se mostra essencial nas relações com o processo, a execução e o resultado, pois em toda a ação performativa, ele se relaciona diretamente com a artista e faz entender que, nesta performance analisada, o traje de cena e a exploração da temática estão intimamente ligados.

### **Referências**

ARIOLA, Bárbara Rodrigues. **Corpos performáticos: uma abordagem antropológica sobre o corpo feminino na performance-arte**. I Congresso de Estudos de Interseccionalidades de Ciências Sociais da USP. Junho de 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e Mitos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico**. *Sala Preta*, 1, 91-103. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v1i0p91-103>

LEAL, Cruz Priscilla. MAGALHÃES, Leonilia. **A arte performática, corpos e feminismo.**

Revista do centro de pesquisa e formação. nº3. 102p - 115p. Novembro de 2016.

MARQUES, Rafaela Ferreira. **Corpo e liberdade: possibilidade, condição, ambiguidade.**

Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 5-17, abr. 2019.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

